



DIÁLOGOS E SUBJETIVIDADES: A EDUCAÇÃO POPULAR COMO MOVIMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO RACIAL NA PERIFERIA

Anna Flávia Rodrigues Dias
Professora da Rede Básica de Educação
annaflavia.r.dias@gmail.com

Jefferson Gonçalves da Silva
Professor da Rede Básica de Educação
jeffersongoncalves2003@gmail.com

Eixo: Educação e Diversidade

Palavras-chave: Educação, Diversidade, Interculturalidade, Relações Étnico-Raciais.

Artigo

Resumo

Este artigo parte de uma revisão bibliográfica combinada à análise de dados referentes à Lei nº 10.639/2003, bem como, faz conexão à literatura através do elo com as relações étnico-raciais. Nessa perspectiva, a metodologia do estudo se ancora no conceito de escrevivência enquanto método científico e se situa no campo da pesquisa social de natureza qualitativa. O texto estabelece um diálogo crítico com os autores e as autoras que discutem os engendramentos coloniais e as perpetuações da colonialidade, objetivando propor uma pedagogia decolonial no contexto da Educação Popular. Seleciona-se como objeto de estudo a Rede Emancipa de Educação, com foco específico no núcleo Emancipa Dona Bela, localizado na região norte de Montes Claros (MG). A pesquisa é produzida por dois pesquisadores negro/negra que adotam a afrobrasilidade como referencial pedagógico e científico central.

Introdução

Enrique Dussel em “Transmodernidade e Interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação” (2016) disserta que a interculturalidade é um diálogo de diferentes culturas (postas como periféricas) e que existem bem antes da modernidade (são pré-modernas) e elas permanecem mesmo após seus mecanismos de apagamento e dizimação, resistindo na contemporaneidade para além dela. Assim, essas diversas culturas postas na margem pela colonialidade, juntas podem superar a modernidade, transformando-a. Então essa superação e transformação a partir da interculturalidade seria a transmodernidade, assim sendo, o diálogo Sul-Sul é uma “arma cultural de libertação”, capaz de imaginar e germinar uma outra realidade social, econômica, política, de gênero e raça, para além das operacionalidades modernas (que é o capitalismo e a diferenciação racial). O foco neste trabalho é pensar como a Educação na “esfera popular”, pode acionar a perspectiva



intercultural crítica, a fim de ser decolonial e através do educar romper com as linhas coloniais que dividem, diferenciam e oprimem.

Nessa perspectiva, toma-se a Rede Emancipa como o objeto de estudo deste artigo, sendo o Emancipa um Movimento Social, em prol da Educação Popular, constituído enquanto uma Rede, pois se encontra com vários núcleos pelo Brasil. O recorte deste estudo é a Rede Emancipa na cidade de Montes Claros- Minas Gerais, em específico o núcleo Emancipa Dona Bela (2024 - até o presente), uma vez que, na cidade há também um outro núcleo, o Darcy Ribeiro (2013 - até o presente), ele foi o primeiro da Rede Emancipa na cidade de Montes Claros e também foi “o primeiro da Rede Emancipa a funcionar em Minas Gerais” (Machado, Samira. 2020).

Com esse prisma, toma-se como fontes para a pesquisa, as vivências dos/a coordenadores/coordenadora do Emancipa Dona Bela, bem como, os registros já produzidos por outros/outras ativistas da Educação Popular referente à Rede Emancipa, em conjunto, considera-se os acervos de dados pertinentes à temática das relações étnico-raciais no Brasil.

Justificativa e problema da pesquisa

O problema de pesquisa que orienta este estudo é a intenção de compreender: de que maneira as práticas de diálogo na Educação Popular contribuem para a construção da identidade e da conscientização racial nos/nas jovens periféricos/periféricas? De forma que, a justificativa que afirma a importância dessas elocuições, é o cenário político-social brasileiro marcado pelos avanços da extrema-direita (Carvalho, Maurício. 2023), em perpetuação dos “embranquecimentos” e com os diversos desafios para a aplicabilidade da Lei 10. 639/2003 (Benedito, Beatriz; Carneiro, Suelaine; Portella, Tânia. 2023) no “Ensino Regular”. Nesse quadro, as questões postas mantêm *os status quo* do não reconhecimento racial das próprias pessoas negras e a não percepção das consequências disso em suas conjunturas.

Objetivos da pesquisa

Através da escrivência, enquanto um método (Felisberto, Fernanda. 2020) a pesquisa objetiva expor o impacto da Educação Popular na conscientização racial dos/a coordenadores/coordenadora do Emancipa Dona Bela, bem como, as suas impressões dentre essa trajetória de quase três anos a frente do núcleo na Zona Norte da cidade de Montes Claros.

Em soma, através de uma abordagem qualitativa se visa registrar a importância da Educação Popular na sociedade, destacando-se os aspectos do território no qual se desenvolvem as práticas populares. O Cursinho Popular Dona Bela/Rede Emancipa está locado na Região de Planejamento do Village do Lago, elencada entre as regiões de menores renda per capita de Montes Claros. Pensar nesse espaço como território da Educação Popular é afirmar a força dessa população enquanto construtora do conhecimento. Isso é uma forma de autoafirmação, e conquista de poder sobre o espaço (García e Rodríguez, 2005.).



Arelado a esses objetivos, pretende-se também compreender o papel do trabalho de base, através da Educação, pautado na interculturalidade e na emancipação sociopolítica. Principalmente diante de uma conjuntura marcada pela ampliação dos discursos de extrema-direita, e no afastamento dos discursos à esquerda das camadas populares (Carvalho, Maurício. 2023). À vista disso, tais circunstâncias, emergem como favoráveis para a retomada e o uso de discursos de ódio e táticas neoliberais, portanto, para se subverter essa tendência, é necessário um “voltar pra base” (2023, p.330), na busca por entender como voltar a se comunicar com o povo, e enquanto esquerda, mobilizar e unificar as pautas.

Referencial teórico que fundamenta a pesquisa

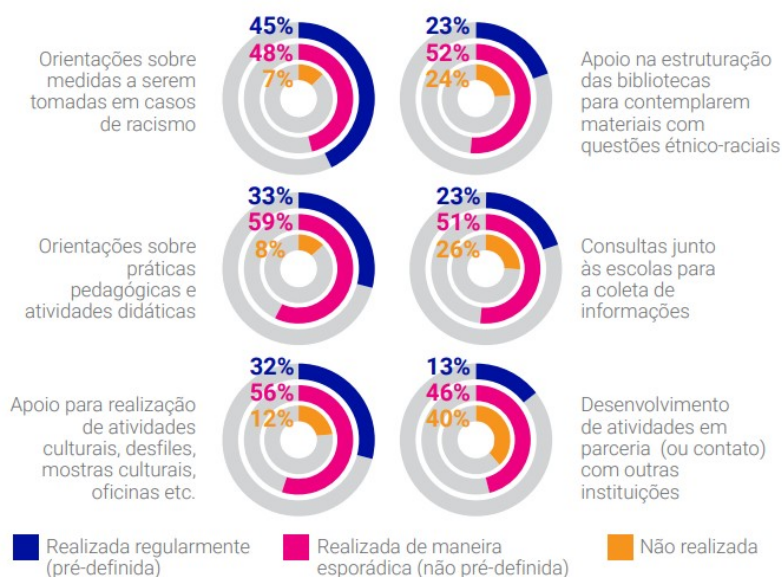
Através da revisão bibliográfica, toma-se Enrique Dussel em “Transmodernidade e Interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação” (2016), o qual propõe que, é através dos saberes e vivências resistentes na América Latina e África, que se constitui o cerne das transformações contra o *modus operandi* moderno. Em diálogo, Catherine Wals em “Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver” (2009), afirma que é imprescindível o acionamento da interculturalidade crítica na esfera educacional, pois somente através dela se pode tecer uma pedagogia decolonial, ou seja, em vínculo a interculturalidade crítica, fomenta-se práticas educativas que questionem a colonialidade (em seus acordos de hierarquização racial, sua divisão de classe e gênero, e seus discursos raciais). Assim sendo, pedagogia decolonial, é uma pedagogia “outra”, que não somente inclua (como tende o multiculturalismo) mas que fundamente, diversifique e comente a pluralidade étnico-cultural, todos os dias, na essência de suas ensinagens.

Em paralelo, as organizadoras Beatriz Soares Benedito, Suelaine Carneiro e Tânia Portella do documento “Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira” (2023), apontam os destoaamentos e os desafios que perpassam a pauta afro-brasileira na Educação. Através dos registros dos dados, torna-se inegável a necessidade da Educação Popular na contramão da estruturalidade colonial que permeia a Educação. Destarte, em 2026 se completa 23 anos da promulgação da Lei 10.639/2003, a qual tornou obrigatória o ensino de História Africana e Afro-brasileira, nas instituições de educação pública e privada. Entretanto, os dados da sua aplicabilidade permanecem em questionamento, uma vez que, ainda se encontram elevados dados da sua não execução plena. Conforme apresenta o documento citado acima, quando a Lei completava 20 anos, as organizadora demonstraram que:



GRÁFICO 9

Ações realizadas por secretarias para apoiar as escolas da rede no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira de acordo com a sua frequência



Legenda: Gráfico 9 presente documento “Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira” (Benedito, Beatriz; Carneiro, Suelaine; Portella, Tânia. 2023, p.50).

A pesquisa, como informado pelo próprio documento na seção “metodologia de execução”, registra que “1.187 Secretarias Municipais de Educação, ou seja, 21% de todos os municípios brasileiros, com respondentes nas cinco regiões do país” participaram da coleta dos dados voluntariamente (2023, p.34). Essa reunião dos dados, principalmente o aferido no Gráfico 9 (2023, p.50), demonstra que as atuações das secretarias nas diferentes demandas da execução plena da Lei 10.639/2003 não chega à 50% de realização. Através de Enrique Dussel (2016) e Catherine Wals (2009), têm-se as percepções necessárias para entender o que está “por detrás” dessas “não-realizações”, como a estruturalidade colonial que ainda permanece moldando a égide do ensino, ancorando-a em discursos raciais, noções patriarcais e enquadres desiguais. Perpetuando assim, um espaço escolar que “inclui” os “marginalizados”, por determinações legais dentro das escolas, mas não os “descobre” de fato, não os valoriza em suas ensinagens e nem nas ações do dia a dia escolar, mantendo-os excluídos de dentro.

Em alinhamento a essa compressão, Aimé Césaire em “Discursos sobre o Colonialismo” (2024) elenca que, “[...] antes de fazermos a revolução, e para fazer a revolução – a verdadeira revolução, [...] uma condição é essencial: quebrar a identificação mecânica das raças [...]. Só então estaremos conscientes de nós mesmos; só então saberemos até onde podemos correr sozinhos [...]” (2024, p.19). Tomando o enxerto como base, Aimé Césaire determina que a “verdadeira” revolução, em sua completa transformação, não se faz somente no vetor e em conquistas políticas e econômicas, essas são importantes, mas só se fazem de fato, alinhadas com a conscientização dos “fragmentados” pela colonização, de mesmo modo, tornam-se



potentes se andam de mãos dadas com a libertação social e com acúmulo da consciência histórica e cultural, entrelaçadas com a autoformação e autoestima dos indivíduos colonizados. Portanto, um dos caminhos para essa consciência que anda de mãos dadas com o agir revolucionário, é na Educação, em um educar que se aproxima das ações emancipatórias, enquanto uma Educação Crítica, tornando-se uma “arma de libertação” social, para além das fragmentações operadas pela colonialidade. É nessa proposta de Educação, a qual consegue tecer fragilidades em uma continuidade estrutural do saber, que a Rede Emancipa surge como ponte para democratizar o ensino, os caminhos de acesso às Universidades e à aproximação com a consciência social e política.

Nesse sentido, por meio da dissertação de mestrado de Samira Xavier Machado “A democratização do acesso ao Ensino Superior no Brasil e os Cursinhos Populares da Rede Emancipa” (2020), pauta-se a trajetória da Rede Emancipa, em específico em Montes Claros (MG). Samira Xavier irá destacar em seu trabalho, os nomes que construíram as bases da Rede Emancipa em Montes Claros, como o Kleber Oliveira, o Judson Marques e o Gabriel Reis (2020, p.81), em soma, ela elenca ao longo do estudo, sobre a trajetória da Rede Emancipa em Montes Claros do ano do seu surgimento 2013 até o ano da finalização da dissertação 2020, apontando as diversas aulas públicas, chamamentos e formações que o Cursinho Popular promoveu/promove nas escolas e regiões que realizava/realiza as aulas gratuitas, voltadas sobretudo para o preparo ao vestibular e fomentação das noções sociopolíticas, vale destacar que essas ações também ocorriam/ocorre em ações nas praças públicas e demais espaços. Em continuidade, observa-se também como o Emancipa através das rodas de conversa, alinhava-se/alinha-se ao debates e aos enfrentamentos nacionais vividos pelos estudantes, o cursinho estava/está sempre alinhado as pautas das minorias e aos debates no cenário político. A Rede tem o senso de cuidado de se manter pública, coletiva e democrática, mesmo dentre uma conjuntura marcada por desmobilizações, visto a “ebulição” do “bolsonarismo” em 2018.

Em intersecção, Maurício de Costa Carvalho em “Volta pra base e vai procurar saber!: A necessidade da Educação Popular contra a barbárie no Brasil” (2023), fundamenta o papel das ações da Rede Emancipa nas localidades onde “o Estado não chega”, principalmente diante das circunstâncias dos esvaziamentos de pautas, das manipulações das *fake news*, e as deturpações dos ativismos sociais. Nesse cenário, Maurício Carvalho elementa no seu título um trecho da fala de Mano Brown (cantor, compositor e integrante do grupo Racionais MC's), em um palanque pró-Haddad e em um contexto que já se previa a vitória de Bolsonaro nas urnas (2018), cita-se: “[...] deixou de entender o povão, já era. Se nós somos o partido dos trabalhadores, o partido do povo, tem que entender o que o povo quer. Se não sabe, volta pra base e vai procurar saber” (2023, p.330). Com essa declaração de Brown, Maurício Carvalho inicia seu capítulo, destacando o trabalho de base que o Emancipa realiza e se enraíza, uma vez que, o Cursinho Popular se faz junto às diversas organizações nas manifestações de rua, assim como, em campanhas por dignidade alimentar, saúde e moradia, bem como, nas causas pró-palestina, pelo fim da escala 6x1, e demais temáticas que estão arraigadas no campo à esquerda, mas não mais descoladas do povo, pois, isso é regado, debatido e explicitado junto ao povo. Dentre esses vários acionamentos, o compromisso com as relações étnico-raciais se faz presente nas diretrizes que alicerçam a Rede Emancipa de Educação, sendo os



coordenadores/a coordenadora a frente do Cursinho Popular Dona Bela/Rede Emancipa - CPDB/RE fruto desse trabalho.

Através de Conceição Evaristo, a qual cunha o conceito de *escrevivência*, em uma primeira aparição, em sua Dissertação de Mestrado “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” (1996), o conceito posto, ao longo do tempo será aprofundado. Assim sendo, *escrevivência* prisma que não há como separar a escrita e um fazer literário de autoria negra, desamarrado de suas vivências, não há como o indivíduo negro si dar em um mundo racializado, sem que essas categorizações raciais não perpassem o seu corpo e as interlocuções não o interroguem, portanto, Conceição Evaristo em suas produções literárias, as fazem ramificadas de seu corpo, negro e feminino, o qual se ancestraliza na escrita. Diante disso, Fernanda Felisberto em “*Escrevivência como rota de escrita acadêmica*” (2020), irá esmiuçar a *escrevivência* enquanto um método científico na produção acadêmica, em que vivência e ciência se inter cruzam.

Arelado a pesquisa qualitativa, aciona-se Maria Cecília de Souza Minayo em “*Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*” (2001), em que, no campo da pesquisa social, em encontros e diferenciações, não se determina “*exatidões*”, como tendem a ciências exatas, a pesquisa social é perpassada de questionamentos, investigações e um fluir entre *o sujeito e o objeto*. A ciência na pesquisa social se prima através das elaborações dos métodos e conceitos que a edificam, ela não é uma poesia ou literatura, fruto da criatividade (2001, p.25), as pesquisas no campo social, são intrínsecas nas Ciências Sociais, sendo encorpadas de técnicas, elaborações, preposições e refinamentos metodológicas. Isso posto, mesmo que a pesquisa social transite entre subjetividades, ela se edifica na cientificidade, incorporando-se através das metodologias científicas. Sendo assim, a *qualitividade* é um dos caminhos para a pesquisa social, em que, “*aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas*” (2001, p.22). Compreende-se assim, que para estudar as relações da Rede Emancipa, núcleo Dona Bela-Montes Claros (MG), para com as relações étnico-raciais, parte-se das vivências de seus/sua coordenadores/coordenadora, seguindo a *qualitividade*, enquanto método.

Em suma, é no desaguar das aspirações da Educação, junto ao sentido e assimilado pelos/pela coordenadores/coordenadora, que o elo com as dimensões literárias negras, se tecem. Através de obras como “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*” (1960) de Carolina Maria de Jesus, revela-se a importância da *escrevivência* como ato resistência à estrutura social vigente, que impõe à autora múltiplas formas de opressão: raça, gênero, classe e território (Aflitos, 2026.). Portanto, a prática de Maria Carolina contribui para a libertação do pensamento da estrutura colonial estabelecida e propagada enquanto uma realidade única. Assim, Maria Carolina escreve seu diário como um mecanismo de sobrevivência, desabafo emocional e denúncia das injustiças sociais que presenciava na favela do Canindé. Também nesse sentido, a Educação Popular é, para o educando/a educanda e para o educador/a educadora, uma prática transgressora das diversas formas de opressão. Segundo Paulo Freire (1981, p. 57.), a libertação ocorre no autorreconhecimento do indivíduo como pessoa no mundo. Sendo assim, o ato da *escrevivência* foi para Maria Carolina de Jesus o seu autorreconhecimento como pessoa no mundo, semeando a consciência de que ela é dotada de direitos, e que a sua prática pode leva-la a conquista da liberdade.



Procedimentos metodológicos

A pesquisa se desenvolve a partir da revisão bibliográfica dos autores e das autoras, Enrique Dussel (2016), Catherine Wals (2009), Aimé Césaire (2024), Samira Xavier Machado (2020) e Maurício de Costa Carvalho (2023). Conectando as elaborações de interculturalidade, pedagogia decolonial e o agir revolucionário frente as perpetuações coloniais, em soma, com a delimitação temática na Rede Emancipa, em específico em Montes Claros (MG), e as atuações da Rede enquanto um Movimento Social de Educação Popular revolucionário e de esquerda. Em paralelo, analisa-se os dados dispostos pelo trabalho de Beatriz Soares Benedito, Suelaine Carneiro e Tânia Portella (2023), que detalha os avanços e desafios para a implementação da Lei 10.639/2003, entendendo-se que “[...] o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam [...]” (Minayo, Maria. 2001, p.22). Sendo assim, existem acionamentos que somente a qualitividade conseguirá acessar em uma pesquisa social, porém essa não se faz distante da quantificação dos fatores, ações e impasses, a pesquisa quantitativa é tão importante quanto, para o esmiuçar do miolo social. Em soma, articula-se a literatura com Maria Carolina de Jesus (1960), considerando a escrevivência que se pormenoriza no fazer literário, como também, no fazer científico e no ser educador/educadora.

Em continuidade, a pesquisa qualitativa toma as observações, relatos bem como entrevistas, dos sujeitos/sujeita em enfoque nesse trabalho, os coordenadores e a coordenadora do CPDB/RE. Igor Veloso Souza (2016-2025), foi um dos coordenadores do Emancipa Darcy Ribeiro, bem como, um dos proponentes de um segundo núcleo na cidade de Montes Claros. Igor Veloso foi entrevistado por Anna Flávia Rodrigues Dias (coordenadora do Dona Bela e uma das autoras da pesquisa que se segue). A primeira pergunta feita a Igor foi, “*Por que um cursinho na Zona Norte de Montes Claros?*”

Resposta: O cursinho Popular Dona Bela surge a partir de um convite por parte do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) que tinha o intuito de movimentar o setor educacional na Zona Norte de Montes Claros. Já havia o Assentamento Marielle, porém reconheceram o desfalque na área da Educação. Aceitei como representante junto a outros membros do Emancipa e levamos a metodologia e organização do movimento para a região (Igor Veloso, 2026).

Segunda pergunta: “*Como o Emancipa influenciou no seu reconhecimento e conscientização racial, enquanto um jovem negro?*”

Resposta: O meu reconhecimento racial veio cedo, até antecedendo o movimento, já havia entendido que teria que me esforçar mais pra conseguir um diploma e que teria que trabalhar durante o processo de estudos, já tinha aceitado. O cursinho me ajudou muito na questão da autoestima, a continuar insistindo nesse caminho caso realmente fosse do meu desejo e que não estaria sozinho durante o processo. Após o meu ingresso na Universidade, eu me formei como professor, e a minha primeira aula foi no Emancipa, aqui me ensinaram didática, metodologia e empatia (Igor Veloso, 2026).



Em concomitância, a escrevivência se entrelaça no decorrer das entrevistas realizadas e nas elaborações epistemológicas abarcadas, encontrando no íntimo o autor e a autora que tecem essa pesquisa. De forma que, trazer-se ao texto, carregado de marcadores e vivências é tencionar a construção de “novas latitudes teóricas”, de forma a ser “uma reparação epistemológica e uma verdadeira revolução”, (Felisberto, Fernanda. 2020, p.173). Nesse sentido, manejar a escrevivência dentre o âmbito acadêmico, é retomar o agir revolucionário (Césaire, Aimé. 2024) e operar fissuras na colonialidade que engendra o *modus operandi* das Universidades. Assim, elencamos aqui, como o Emancipa transformou a nossa formação e conscientização étnico-racial:

- Coordenadora Anna Flávia Rodrigues Dias (2022- até o presente momento): Iniciei na Rede Emancipa a partir de 2022, minha entrada no cursinho se deu concomitantemente a minha entrada na Universidade. Eu me formei educadora, nos 4 anos da graduação em História, bem como, nos 4 anos na Rede Emancipa. Em minha trajetória no Emancipa comecei ajudando na cozinha, preparando os lanches para os alunos e as alunas, depois me somei à equipe de arte para pensar em saraus e atividades culturais. Ao longo do meu processo, vários professores e professoras que constituíam a Rede me incentivaram a iniciar em sala de aula, assim, aperfeiçoei o ensinar dentro do Emancipa, constituir-me na Educação Popular, e ao interagir com cada aluno e aluna, de periferia, negros/negras, vindos de escola pública e/ou retomando os estudos após anos afastados/afastadas, vê e compreendi que ser professora era estar ali. Hoje me dou como professora formada, trabalhando na Educação Básica, dentro de instituições regulares, mas levo comigo para as salas de aula os ensinamentos que a Educação Popular me possibilitou. Assim, minha consciência racial se ampliou junto com a consciência sociopolítica, e essa emancipação se compôs porque a Rede Emancipa de Educação transformou meu olhar e minha prática.

- Coordenador Jefferson Gonçalves da Silva (2020 - até o presente momento): Conheci o Cursinho Popular Darcy Ribeiro/Rede Emancipa - CPDR/RE - no ano de 2020, em período de pandemia quando cursava o 3º ano do Ensino Médio de forma remota. Por estar fisicamente distante da escola encontrei dificuldades para continuar a estudar para provas de vestibulares. Mas, ao surgir a oportunidade do cursinho popular gratuito, e remoto, principalmente como apoio e orientação, despertou-se em mim novamente o desejo pela graduação. Além do conteúdo e apoio proporcionado, enxerguei no CPDR/RE uma forma diferente de educação. Uma educação para além do vestibular, uma educação contrária àquela bancária, explicada pelo professor Paulo Freire¹. Dada tal mudança de perspectiva, o desejo de retornar ao cursinho como professor foi para mim inevitável, e ocorreu no ano de 2023, pois vejo o cursinho como território do conhecimento popular. Atualmente, lecionar no cursinho popular é praticar a educação de emancipação por mim idealizada. Uma educação para além do acesso à ciência, mas que seja capaz de construir uma cidadania que supere as diversas formas de opressão. Outro ponto a ser destacado, é a transformação de minha concepção frente às questões sócio-raciais. Já no ensino formal compreendi todo o contexto histórico-social do racismo e como este afeta a vida das pessoas, mas até então como algo distante. No CPDR/RE, compreendi a existência de uma estrutura social, política e econômica, historicamente

¹ FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 1981.



construída, que pressiona as pessoas negras às desigualdades múltiplas e sobrepostas. Tal concepção revelou o racismo estrutural presente nos diversos momentos da minha vida. Inclusive o racismo internalizado, aquele que afeta a autoimagem e a autoestima.

Em síntese, na literatura de Maria Carolina de Jesus se encontra um grande exemplo da escrevivência como prática de denúncia das condições sociais, resistência às múltiplas opressões sobrepostas e exercício de libertação dos processos opressores. E assim como na literatura, o autor/a autora desse texto, na escrevivência científica se encontram, evocando a resistência frente a estrutura sócio-política e econômica que se impõe. Para os coordenadores/a coordenadora do CPDB/RE o estudar e lecionar com/em Cursinho Popular proporcionou uma série de transformações: epistêmica, quanto ao cerne da educação, motivacional, quanto às razões porque lecionar e autorreconhecimento étnico-racial.

Análise dos dados e resultados finais da pesquisa

Compreende-se, a partir das formulações, diálogos e análises expostas, que os desafios que atravessam a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 até os dias de hoje, derivam de fatores estruturais (a colonialidade) que moldam o ser, saber e fazer. Entretanto, se os caminhos tradicionais do saber enrijecem as tratativas do enfrentamento colonial, a Educação Popular se põe como alternativa revolucionária de emancipação. Pois, os moldes que tecem o saber, fazer e viver a Educação Popular, caminham na contramão das operacionalizações “modernas”. A Educação Popular, como se propõe a Rede Emancipa, transforma vidas, aproxima os postos como periféricos/periféricas das Universidades, e ao investir em cultura, arte e lazer rega autoestima e esperanças na trajetória dos alunos e alunas, como também, impacta os percursos dos professores e das professoras que fazem parte.

Relação do objeto de estudo com a pesquisa em Educação e eixo temático do COPED

O objeto de estudo desse artigo é a Rede Emancipa de Educação, assim o objeto, bem como a proposta do texto se aproxima da Educação, porque ela é a base que constitui os proponentes da Rede Emancipa, da mesma forma, é o alicerce do/da educador/educadora que formula essa pesquisa. Além disso, interliga-se ao “Eixo 3: Educação e Diversidade”, pois se constrói essa pesquisa articulada com a interculturalidade crítica, em que a diversidade dos povos e sujeitos colonizados é o cerne de pensamento, de forma que, todos os postos enquanto “outros” pelo eurocentrismo é “descoberto” e representado em nossa proposta. Haja vista essas relações, esse repertório se encaixa nas proposições do “XVII Congresso Nacional de Pesquisa em Educação”, que tem como tema “Educação e a Construção de um Novo Mundo: Utopias Heiberlianas”.

Considerações finais

Em síntese, parafraseando Paulo Freire: se a educação sozinha não muda o mundo, tampouco ela — quando distante do popular e das demandas da base — transformará as pessoas que o mudarão. Isso posto, a Rede Emancipa visa transformar os locais onde se constrói, junto às camadas populares, o Emancipa tensiona as égides tradicionais e através de um saber empírico e diverso semeia um mundo plural que transforma a modernidade. A

XVII CONGRESSO
NACIONAL DE
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO
COPED/2026
09 A 11 DE JUNHO



EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MUNDO:
UTOPIAS HEIBERLIANAS



Educação Popular adota ensinagens contrárias às perpetuações coloniais, que historicamente dita e teima em conservar uma estrutura desigual, nesse contraverter, as práticas e os saberes populares versam por uma sociedade em protagonismo ao Sul-Sul.

Referências

AFLITOS, A. S. A literatura feminina negra como eco de insurgência epistemológica e pedagógica - Quarto de despejo: diário de uma favelada no ensino de história. **Revista Nzinga: Diálogos acadêmicos e lutas sociais dos movimentos negros, periféricos, indígenas e mulheristas**. [S. l.], v. 2, n. 1, 2026. DOI: 10.5281/c991br77. Disponível em: <https://www.revistanzinga.com.br/index.php/inicio/article/view/45>. Acesso em: 11 de maio. 2026.

BENEDITO, Beatriz; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia (orgs.). **Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira**. São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>. Acesso em: 5 de maio. 2026.

BRASIL, Governo Federal. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 05 de abril. 2026.

CARVALHO, Maurício. “**Volta pra base e vai procurar saber!**”: A Necessidade Estratégica da Educação Popular Contra a Barbárie no Brasil. In: VASCONCELOS, Joana; MENDES, Maíra; MUSSI, Daniela (orgs.). São Paulo: Elefante, 2023.
CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Bahia: Andadé, 2024.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. v.31, n.1, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3399/339945647004.pdf>. Acesso em: 27 de abril. 2026.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/521834170/EVARISTO-Conceicao-Literatura-negra-uma-poetica-de-nossa-afro-brasilidade>. Acesso em: 01 de abril. 2026.

FELISBERTO, Fernanda. **Escrevivência como rota de escrita acadêmica**. In: DUARTE, Constância; NUNNES, Isabella (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 de abril. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

**XVII CONGRESSO
NACIONAL DE
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO
COPED/2026**
09 A 11 DE JUNHO



**EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MUNDO:
UTOPIAS HEIBERLIANAS**



GARCÍA D. D., Ángel; RODRÍGUEZ, José M. Muñoz. **Ação política, território e educação: tramas que interligam o mundo da vida.** Revista Educação em Debate, Fortaleza, Ano 27, v. 1, n. 49/50, p. 61-73, 2005. Acesso em: 13 de maio de 2005.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo, SP: Ática, 2014.

MACHADO, Samira. **A Democratização do Acesso ao Ensino Superior no Brasil e os Cursinhos Populares da Rede Emancipa.** 2020. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento Social)- Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2020. Disponível em: https://repositorio.unimontes.br/bitstream/1/1392/1/Machado%2c%20Samira%20Xavier_A%20democratiza%20o%20do%20acesso_2020.pdf. Acesso em: 10 de maio.2026.

LEITE, M. E. **Atlas Ambiental de Montes Claros/MG.** Organizador: Leite, M. E. Montes Claros: Editora Unimontes, 2020.

MINAYO, Maria Cecília. **Ciência, Técnica e Arte:** O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf. Acesso em: 06 de maio. 2026.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial:** in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDU, Vera (org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões, tensões e propostas. Rio de Janeiro, 7 Letras, p. 12-42. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/484685590/document-onl-walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial-pdf?v=0.919>. Acesso em: 12 de abril. 2026.